

## TEXTOS INCLUÍDOS NOS

### CATÁLOGOS DAS EXPOSIÇÕES DE CECÍLIA MENANO (João dos Santos, Manuel Mendes, Mário Chicó, Rui Grácio)

Esta não é mais uma exposição de desenhos de crianças como dezenas de outras que temos visto em Lisboa e em Paris, onde durante anos analisámos as experiências que chegavam de todo o mundo. Como orientação não conhecemos melhor, para realizar aquilo a que Read chamou a *educação através da arte*.

Ainda há poucos anos havia a preocupação de obter das crianças desenhos muito bem feitinhos, em papéis cuidadosamente cortados à máquina, todos do mesmo formato e tamanho e alguns até com esquadrias já impressas, o nome da escola em cima, a data e a classe do aluno em baixo.

Custava a destrinçar nessas produções qual a parte que pertencia à iniciativa e à espontaneidade da criança e qual era a parte onde interferia a burocracia e a pedagogia. As crianças pareciam ser levadas a desenhar e a pintar para satisfazer as idéias que sobre o assunto tinha o pedagogo e não para experimentar e descobrir novas formas de expressão.

O mestre acabava por ter *a confirmação de que na verdade...* a melhor maneira de representar um barco, uma casa, um cão ou um gato era a que o adulto tinha esquematizado e achava lógico, exacto e bonito!... Mas a criança nada tinha criado e na realidade, só para confirmar os

gostos estéticos e as verdades estabelecidas pelos adultos, não valeria a pena que existisse infância e juventude.

A pedagogia foi durante muito tempo dominada por um esquematismo feito sobre a base de *observações à distância*. «*O velho pedagogo*» como era costume dizer-se, teorizava e impunha, tão longe das crianças como a geração dos avós está da dos netos.

A pedagogia está deixando de ser a arte de aplicar fórmulas e esquemas para ser cada vez mais a aplicação ao ensino do resultado da constante observação da criança, agindo no grupo e no meio físico que o rodeia.

Não é saber pedagogia o que mais interessa, mas saber observar as crianças e o meio em que vivem. Ter imaginação e recursos técnicos para as estimular em cada momento.

Começa a adivinhar-se, em todo o mundo, um movimento de renovação no sentido de abandonar os princípios rígidos e de compreender a criança de acordo com as suas reacções, ajudando-a a descobrir o mundo com os materiais que ela mais aprecia. Como diz Cecília Menano o que mais interessa não é o material mas as qualidades que encerra em si, para constituir um elo entre o mestre, o jogo e a realidade.

Falaram-nos há tempos na organização dum Museu pedagógico; não chegamos a saber qual o fim exacto a que se destinava esta instituição, mas concordamos imediatamente em que, tanto na educação como na reeducação, existe uma infinidade de coisas a pôr no Museu: aparelhos tenebrosos destinados a tonificar músculos hipotrofiados, como se os músculos existissem separados do indivíduo e dos seus interesses; máquinas infernais para endireitar crianças aleijadas e desenvolver, através de frio suplício, todos os sentimentos de culpa da escala Freudiana; colecções de bonecos feitos por artistas adultos para servirem de modelo a *crianças sem jeito*, impondo-lhes as formas *convenientes...*; lotos e jogos diversos em que com a ajuda do acaso a criança acabava por conceber a linguagem escrita não como uma forma de *falar e pensar*, mas como um aborrecido jogo; bolas, cubos e paralelepípedos de vários tamanhos para a aprendizagem precoce das grandes sínteses da geometria euclidiana; casas e

botões, colchetes e anilhas e uma quantidade de outras bugigangas destinadas a demonstrar que a par do *abotoar e do acolchatar social, existia o abotoar pelo abotoar e o acolchatar pelo acolchatar.*

O material didáctico tem de ser considerado apenas como um meio de estabelecer relações; nenhum material tem mais interesse que o lápis e a tinta, para facilitar à criança a sua actividade de investigador da actividade simbólica; ensinar a escrever, antes que a criança experimente desenhar e pintar, é tão absurdo com ensinar a ler antes que saiba falar.

Nesta exposição pode compreender-se o valor da actividade simbólica no plano gráfico e pictural, e a importância de uma orientação correcta na aquisição da linguagem. O que nela, no entanto, mais nos surpreende, não é a beleza e a intensidade expressiva dos alunos de Cecília Menano, o que é surpreendente para nós, é que o *caso Cecília Menano* surja no meio onde não existem cursos, nem laboratórios, nem escolas da psicologia da criança, onde não há «ensino infantil» (?) e onde o interesse pela criança começa apenas a despontar. O que é de admirar é que ela surja neste meio a fazer escola e que apareça com uma experiência de 10 anos e uma doutrina tão sólida que nos permite pensar que não será de futuro possível falar de «ensino infantil» de desenho e pintura de crianças, sem ter em conta o que realizou.

João dos Santos

Catálogo do Museu de Arte Antiga

Lisboa - Dezembro de 1956

Digam o que disserem, a infância é um mundo prodigioso de milagres e mistérios - a idade mais extraordinária da vida. Só uma força impera, só a um querer se obedece: a fantasia. A nosso belo prazer, é-se simultaneamente poeta, pintor, herói, mítomano, narrador de histórias fabulosas, e nos momentos de mais sombria ou forte afirmação da

personalidade, pode-se à vontade ser rei ou até tirano. A fantasia tem, como as fadas, a sua varinha de condão: toca de leve as coisas e logo as transfigura. Ao meu amigo Chico basta-lhe dizer: - Se eu fosse rei... -, e ei-lo com o mundo na mão.

Entre o poder magnífico de criar, seja embora uma mistificação, e o diabólico apetite de destruir, não há limites, nem escrúpulos de consciência. Desventra-se impiedosamente uma boneca, desmantela-se um automóvel de corda, de tesoura em punho reduz-se um bibe a farrapos, para logo de súbito se sentir o desejo de recriar o mundo a nosso gosto, um mundo de maravilhas, inventando uma linguagem assombrosamente poética, em que as palavras gastas e usadas, ganham um sabor novo, vivendo aventuras surpreendentes sem sair de dois palmos de terra, ou pintando a natureza de configuração mais extravagante que imaginar se pode, a natureza em eterna festa, com árvores floridas de pássaros, cavalos que voam apesar de não terem asas, casas embandeiradas e de chaminés fumegantes, barcos à vela, paquetes, aviões e combóios como nunca houve, e essa humanidade singular e «clownesca», de cabeças monstruosas, troncos singulares, braços desmedidos e afastados, mãos expressivas e de dedos abertos, gesticulando com a força convincente de quem conta uma história mentirosa ou engendra um mito.

A alumiar este mundo fantasmagórico, surge um sol descomunal e doirado, de raios flamantes, estendendo para a vida os braços criadores. - E entre estes dois extremos se vai apreendendo e concebendo o mundo.

No entanto, o desenho é a forma predilecta e a universalmente usada pela infância, como o é pelo homem primitivo.

Através daqueles traços e daquele colorido, todas as crianças do mundo se podem entender, todas falam a mesma linguagem que ninguém lhes ensinou, todas fraternalmente comungam do mesmo deslumbramento, exprimem com emoção os seus louvores à vida ou os seus protestos contra a vida, são cruéis ou dadas, enternecidas ou iradas... Mas aos grandes, que tudo ignoram ou esqueceram é sempre preciso explicar por palavras o que ali está tão claro e patente.

Na aula de Cecília Menano, sentei-me ao lado da Isabelinha. Que olhos extraordinários os seus! Neles paira já uma névoa fina e enternecedora de imponderável melancolia. As madeixas do cabelo emolduram-lhe o rosto gracioso... Com o pincel molhado em tinta castanha, pinta muitas árvores, árvores outonais de troncos nodosos e sem folhas.

Depois, na maior e na mais ramalhuda de todas elas, desenha, de outra cor, uma faixa que tem ao meio uma roda.

- Que é isso, Isabelinha?

Levanta os olhos e sorri com piedade de mim.

- O que é? Insisto eu.

- É um relógio de pulso. Não vê?

- Ah!...

Evidentemente. Porque não havia a árvore de ter um relógio? Têm-nos os homens e as mulheres, têm-nos até as mais altas torres...

Nesse livro admirável de confissões que é *L'Étoile Vesper*, Colette

diz que quando um filho nasce «c'est la contemplation d'une personne nouvelle, qui est entrée dans la maison sans venir du dehors». De onde veio, então?

Com efeito de um país fantástico e para nós ignorado. Nele fala-se uma única língua, tem os seus costumes e hábitos próprios de vida, e é onde as crianças de todo o mundo constituíram uma civilização à parte.

Deixemo-las, pois, viver, em plena liberdade, os seus milagres e prodígios, nesse mundo que a Isabelinha entende, e de certo com boa razão, que uma árvore pode bem merecer um relógio de pulso. E só assim, tendo em conta o que vale a fantasia, porventura alguma luz dessa beleza da infância lhes alumiará pela vida fora o caminho. Como as aves, para serem felizes, as crianças querem-se livres.

Manuel Mendes

I Catálogo Desenho e Pintura Livre

Ateneu Comercial do Porto

- Junho de 1957

Para aqueles que, como eu, quase desconhecem os estudos que se têm feito acerca do desenho infantil e estão familiarizados com as obras dos artistas adultos (em que hoje, por vezes, as *teorias* se sobrepõem ao traço e à cor) esta exposição tem um aspecto novo. Se por

um lado nos mostra como as crianças não ficam alheias ao ambiente e reflectem a influência de um longo passado de cultura, por outro revela-nos, de um modo surpreendente, como a procura de beleza não quebra nem diminui a espontaneidade na representação dos assuntos.

Tinha já visto os desenhos dos alunos de D. Cecília Menano que figuravam com outros de crianças anormais numa exposição organizada pelo Dr. João dos Santos. Voltei a vê-los mais tarde na exposição que realizaram na «Galeria de Março» os professores Alice Gomes e Calvet de Magalhães.

De ambas as vezes fiquei surpreendido com a harmonia de tons e a delicadeza desses desenhos, e, de ambas as vezes, pude verificar como a influência da professora conseguiu ser profunda sem tolher a liberdade dos pequenos artistas.

Não será esse, afinal, o melhor modo de ensinar e de despertar a sensibilidade das crianças, conseguindo que se exprimam pelo traço e pela cor mas conservem a espontaneidade e a frescura mesmo quando dão certo aspecto caricatural à representação das coisas? Não será essa também uma das mais belas obras que é possível realizar num país como o nosso, em que as crianças são sensíveis e têm vivacidade, mas em que o povo é muito superior à «elite»?

Mário T. Chicó

Catálogo Desenho e Pintura Livre

Ateneu Comercial de Porto, Junho, 1957

Pedagogos, psicólogos e artistas têm defendido o valor educativo de uma educação artística - plástica, mímica, musical, literária, corporal - entendida primacialmente como possibilidade de a criança realizar experiências criadoras, individuais ou grupais, sob a orientação de educadores especializados que, respeitando e estimulando a sua liberdade, desempenhem um papel de conselheiros técnicos e assegurem a unidade da cultura artística e da cultura geralmente considerada.

Não menosprezamos o eventual valor intrínseco, do ponto de vista estético, das produções infantis e juvenis, aqui tão admiravelmente documentado, não ignoramos a sua significação

psicológica como índice de desenvolvimento mental e de projecção afectiva e caracteriológica; nem esquecemos tão-pouco a sua função terapêutica.

Mas o movimento pedagógico denominado «a educação pela arte» encarece sobretudo o valor **formativo** do acto criador da expressão artística, interpretativa ou imaginativa, favorece o desenvolvimento harmonioso da personalidade.

No âmbito escolar, ou paralelamente à escola, ela vem-se instalando como actividade introdutória, adjuvante e compensatória das ocupações predominantemente intelectualizantes a que está sujeita a criança no período da sua escolaridade.

Entendê-la, porém, como fermento da iniciação intelectual, ou como uma espécie de higiene mental, é, se não me engano, empobrecer as suas virtualidades formativas.

O termo «a educação pela arte» presta-se indubitavelmente a interpretações múltiplas e equívocas. Na sua mais ampla e literal significação traduziria uma concepção educativa - escolar, ou outra que não escolar - que tivesse por núcleo catalizador de tudo o mais a expressão artística em qualquer das suas diversificadas manifestações. Se alguma vez, em algum lugar, chegou a institucionalizar-se tal concepção educativa, não parece ela viável nas presentes condições e exigências da vida social e cultural.

Em acepção menos ambiciosa e institucionalmente viável, o movimento «a educação pela arte» faz da expressão estética infantil uma actividade convergente (convergente, mas não supletiva!) com outras modalidades de linguagem, de pesquisa, de imaginação, - no processo de formação pessoal da criança e do adolescente.

Não sendo pois uma educação **para** a arte, a educação **pela** arte afigura-se, não obstante, a forma mais apropriada de revelar vocações, de educar o gosto, de preparar para a actual e ulterior compreensão e exercício das artes e das letras, de preservar a cultura autêntica num mundo invadido pela imagem, pelo som, pela palavra.

Ignoro se Cecília Menano concorda com tudo quanto ficou dito, embora suspeite pelo que tem escrito que muito pouco seria rejeitado. No que tem feito não vejo nada que não corrobore o que creio serem as linhas essenciais de um movimento de renovação pedagógica de que Cecília Menano é entre nós uma pioneira, uma educadora de vanguarda.

Se um mestre se mede pela obra, os seus pequenos discípulos, decerto crianças felizes na sua companhia, dão testemunho da qualidade de uma **presença educativa** invulgar. E se a educação é para o educador a arte de aprender a ser desnecessário ao aprendiz, Cecília possui essa arte entre todas difíceis. Arte feita indubitavelmente de ascética renúncia, que não é todavia deserção ou ausência. A própria educadora o deixou sugerido por forma modelar quando referiu algures «o ambiente de confiança, a ajuda técnica, o apoio afectivo de alguém que acredita no que a criança faz e a incita a prosseguir sem espanto nem crítica». Sem espanto nem crítica: a fórmula resume decerto uma experiência pessoal; Mas eu sinto-a como intuição fina e basilar da relação educativa que a nós todos, educadores e pais, cumpre meditar.

Rui Grácio

Do Liceu Charles Lepierre;

Do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação C. Gulbenkian;

(in Catálogo de “educação através da arte”

- Clube Shell - V exposição, 1967

e publicado em “Educação e Educadores” (1977)



**TEXTOS INCLUÍDOS NOS**

**CATÁLOGOS DAS EXPOSIÇÕES ORGANIZADAS POR**

**MARINELA VALSASSINA (M.M. Valsassina, Avelino Cunhal, Melo**

**Frazão, Camilo Cardoso)**

I.1

A criança começa a exprimir-se desde que nasce. Os seus primeiros gritos e gestos são a única linguagem pela qual, procura comunicar com os outros. O Desenho e a Pintura têm vindo, através dos tempos, a adquirir papel fundamental, no campo educativo.

A criança desenha o que sabe e sente da sua realidade.

Pela «Educação através da Arte», dá-se à criança o direito ao poder criador, observador e apreciativo.

A primeira fase pela qual a criança passa, no desenho, é a da «garatuja», depois, surgem pequenos «riscos e bolas», onde descobre coisas maravilhosas e onde quase sempre é ela a figura central. Segue-se então a «forma». Só depois o tema deve ser dado, pois caso contrário, obriga-se a criança a integrar-se num mundo desconhecido para ela.

Deixá-la agir livremente e sem intenção, será este o papel do professor, sempre presente, pronto a estimulá-la, a ajudá-la, falando e compreendendo a sua própria linguagem.

Nestas circunstâncias, a «Escola Infantil» é, dentro do ensino, um dos factores mais importantes do seu progresso, pelo que a arte e o jogo contribuem, como fontes de informação dos sentimentos e necessidades da criança, para uma futura integração na escola.

M. M. Tojal Valsassina Heitor, p. 19

(Prefácio ao Catálogo da Exposição de Arte Infantil, Colégio Valsassina, 1964)

In 50 + Anos de Educação pela Arte no Valsassina (2014)

II.1

O mundo real que imediatamente nos cerca é um só: o Sol, o mar, as montanhas, os rios, as casas, as árvores, os animais, tudo o que a vista recolher, constitui o mundo imediato em que o ser humano penetra e desenvolve. Simplesmente essa realidade das coisas adquire conteúdos e formas diferentes consoante é um adulto ou uma criança.

O mundo da criança é um mundo diverso do mundo do adulto.

É e deve, ser espontâneo.

Erro será pretender o adulto entrar com os seus olhos de adulto no mundo da criança.

Em geral é esta posição errada a dos visitantes de exposições de Trabalhos infantis. E diga-se: a de muitos pedagogos, professores e educadores. E mais marcadamente errada se, ao querer penetrar no mundo da criança, apenas se conduz por busca de impressões estéticas.

Os trabalhos infantis, sem se lhes negar valorização estética que muitas vezes possuem, devem essencialmente ser apreciados como elementos reveladores de psicologias, temperamentos e faculdades fundamentais na actuação dos pedagogos, professores e educadores.

Avelino Cunhal, p. 46

(Prefácio ao Catálogo da Exposição de Arte Infantil, Colégio Valsassina, 1964)

In 50 + Anos de Educação pela Arte no Valsassina (2014)

## II.2

Quem lida com crianças, verifica como é necessário uma constante renovação de temas e de sugestões, para poder prender-lhes a atenção.

A repetição é o anulamento de tudo o que existe de espontâneo e provoca a indiferença e o desinteresse.

Assim, dentro das aulas de desenho livre, temos tentado esta renovação, procurando dar a conhecer as várias técnicas que a idade dos alunos permite e, deste modo, tomarem contacto com os vários processos de expressão.

Os assuntos dados são também procurados como os mais sugestivos, os que melhor conhecem e provocam o seu entusiasmo.

Quantas vezes, entre dois ou três temas dados, apenas um é eleito e o professor, que os tinha considerado de igual interesse, tem de enfrentar a sua derrota e recusar, de futuro, os outros dois.

Mas isso só o incita a procurar mais de perto os motivos preferidos pelos alunos que ele deseja compreender e educar.

Melo Frazão, p. 47

(Prefácio ao Catálogo da Exposição de Arte Infantil, Colégio Valsassina, 1964)

In 50 + Anos de Educação pela Arte no Valsassina (2014)

## II.6

As Exposições de Arte infantil do Colégio Valsassina já se tornaram habituais. Como psicólogo, não podemos deixar de nos regozijar com a iniciativa de quem tem a seu cargo tão bela mas árdua tarefa. Sentimo-lo, tanto mais quanto pensamos que a criatividade, o fazer algo de novo, o produzir qualquer coisa inédita, se representa uma vivência interior da criança traduz também uma certa forma de motivação.

Percebendo livremente sem esperarem antecipadamente ver o que devia ser visto, nem encontrar o que devia estar lá, as crianças traduzem espontânea e originalmente o seu mundo de vivências que projectam sem constrangimentos ou limitações. As suas produções, consequência deste dinamismo e liberdade, são por isso uma Arte.

Podemos com frequência, não saber o verdadeiro significado deste ou daquele desenho, não compreender bem o interesse de certos aspectos figurativos ou a ausência de partes que reputamos de fundamentais, não entender até o aparecimento sistemático de certo tema, mas o que é fundamental é sentirmos que a criança percebeu daquele modo e não de outro, por motivos íntimos que, se importa muitas vezes estudar e analisar, não cabe aqui explicar. Além desta função que consideramos libertadora de conflitos, inibições e frustrações que habitualmente existem neste período da vida infantil de quase todas as crianças, o permitir-lhes a exteriorização dos seus sentimentos coloca-as automaticamente em face das suas criações e motiva-as para as outras.

Diversas investigações mostram que a criança enquanto pinta, desenha ou modela o faz para alguém, presente ou ausente, mas que existe e de quem a criança espera algo em troca do seu

trabalho. Sucede, por isso muitas vezes, que terminada a sua obra a quer levar para oferecer ao pai, à mãe ou a outra qualquer pessoa. Na generalidade, num atelier as crianças trabalham para a pessoa que está com elas, as acompanha, as aceita e recebe. Para a criança, esta pessoa é uma personagem que, por receber com agrado as suas produções, as olhar e analisar com interesse ou bondosamente as criticar, ocupa no espírito da criança um lugar privilegiado. Se o adulto acolhe e manifesta compreender e gostar dos desenhos produzidos, gosta também da criança que os faz, porque, sendo a Arte Infantil uma forma de projecção da criança, representa um pouco daquela; gostar dos seus trabalhos é gostar também dela. Estabelece-se assim uma ligação afectiva positiva cuja utilidade para a criança, da mesma forma que a dádiva de afecto, não necessita explicações para ser compreendida. Todas as crianças desejam, por natureza, captar o interesse dos adultos e fazem habitualmente aquilo que sirva para tal. Lançamos, por isso, um apelo aos pais:

Se estes não se interessarem pelos desenhos, pinturas e primeiras letras que a criança faz, qual será a motivação que ela posteriormente terá para estudar? Qual o estímulo que foi recebendo? Acaso terão os pais que se admirar que os filhos desconheçam e até não compreendam as suas razões de adulto, quando lhes falam nas vantagens do trabalho intelectual?

Não será mais fácil o ter-se um pouco de paciência para observar aquilo que orgulhosamente a criança mostra, a elogiar, estimular ou, quando necessário, benevolmente a criticar? É pelo menos e seguramente, muito eficiente.

Camilo Cardoso, Psicólogo do Colégio Valsassina, pp. 56.57.

(Prefácio ao Catálogo da Exposição de Arte Infantil, Colégio Valsassina, 1971)

In 50 + Anos de Educação pela Arte no Valsassina (2014)